

A caravana

Ney Marinho¹

1. Os anos 1960 no Brasil e suas relações com a África

O Brasil não foi poupado das alegrias, sonhos, decepções e sofrimentos dos anos 1960. Vou restringir-me, o mais possível, às nossas relações com a África Negra, em especial com a atual Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), para chegar ao tema deste artigo. Certos dados históricos são imprescindíveis para uma adequada avaliação da importância do que ficou conhecido como *O encontro de Maputo*. Utilizo um estilo testemunhal na esperança de transmitir algo talvez impossível discursivamente.

Quando ingressei, em 1962, com 18 anos, na Faculdade Nacional de Medicina (atual UFRJ), foi num belo prédio na Praia Vermelha, região da zona sul do Rio de Janeiro, próxima ao emblemático Pão de Açúcar, onde então se localizava um grande número de faculdades da Universidade do Brasil. Mais tarde, a maioria das faculdades foi para a Ilha do Fundão – Cidade Universitária, na zona norte, próxima à baixada fluminense, região mais pobre – velho sonho dos anos 1950, inspirado na Universidade do México, com o intuito de aproximar a universidade e seus serviços da população mais humilde. Nesta mudança, o belíssimo prédio da Faculdade de Medicina foi literalmente destruído pelos governantes militares da década seguinte, sem maiores explicações, exceto o grande ódio que nutriam em relação aos estudantes que foram os primeiros a denunciar a ditadura que se instalou em 1964 e, por 21 anos, infelicitou nosso país, assim como fizeram suas similares no restante da América do Sul.

Voltemos aos inícios dos 60. Vivíamos então em pleno regime democrático – governo João Goulart – herdeiro dos anos dourados do desenvolvimento juscelinista, anos JK (Juscelino Kubitschek) – imortalizado em filmes e novelas,

1. Psiquiatra, psicanalista, Diretor do Instituto de Formação Psicanalítica da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, Doutor em Filosofia – PUC-Rio.

devido ao espetacular desenvolvimento econômico e cultural brasileiro – até nossa seleção de futebol ganhou sua primeira copa do mundo, com Garrincha, Pelé, Vavá e mais oito gênios da bola! – mas... faltava o desenvolvimento social, expresso, por exemplo, por uma sempre adiada reforma agrária, pela extinção da desigualdade social (prefiro este termo – extinção – do que diminuição; isto poderá ser discutido posteriormente) e o fim do racismo (algo que não estava na ordem do dia, pois a sociedade brasileira não se considerava racista!). Por outro lado, as elites brasileiras que apoiaram o governo JK, participando de uma ampla frente democrática, não desejavam seu desdobramento social. Traíram-no como sempre fizeram – com Getúlio, Jango, mais tarde, com Lula e Dilma – a fim de manter seus privilégios.

Neste período que mencionamos, nossas relações com a África Negra eram sempre mediadas por Portugal, tanto política, econômica, cultural e... eclesiasticamente! A Igreja católica, conservadora, dava um grande apoio à ditadura salazarista. Dentro das contradições históricas, contudo, a origem política da CPLP foi politicamente concebida no breve governo Janio Quadros, que sucedeu JK e renunciou em cerca de seis meses, embora eleito com o apoio conservador. Seu vice, que o sucedeu, foi João Goulart, do partido trabalhista, do outro extremo da mencionada frente ampla, muito comprometido com as reformas sociais e com os trabalhadores. Seu governo foi interrompido pelo golpe militar de 1964, que instaurou o longo período ditatorial (1964-85) de extrema direita. Qual meu testemunho?

Recordo-me que, em minha turma, havia apenas um negro (sendo este filho de um diplomata senegalês) e 18 mulheres, para um total de 180 alunos. Isto reflete muito a sociedade da época. Éramos o 1% dos jovens que chegavam à universidade e, no caso da medicina, o 1% que passava naquele específico vestibular. Isto não causava espanto numa sociedade elitista, mas uma parte da sociedade – artistas, intelectuais, professores, jovens estudantes agrupados na União Nacional dos Estudantes (UNE) – denunciava tal estado de coisas.

Ao mesmo tempo, na África, se iniciavam as lutas armadas anticolônias, após o fracasso das tentativas de um acordo pacífico para a independência das colônias. Impossível deixar de mencionar o grande líder Patrice Lumumba que, para a minha geração, representava o ideal de paz, liberdade e igualdade que eram os mesmos lemas de nossa luta nesta distante América Latina, que começava a ser um palco dramático da Guerra Fria. Com a morte do secretário geral da ONU – Dag Hammarskjöld – que investigava, dentre outras coisas, a participação de potências de fora da África e do movimento separatista de Katanga,

chefiado por Tschombe, na prisão, tortura e morte de Lumumba, então primeiro ministro do Congo, ficou evidente a impossibilidade de uma transição pacífica que permitisse a descolonização. O avião que levava Dag Hammarskjöld sofreu um acidente, nunca esclarecido, e o mais provável foi ter sido derrubado por ação de agentes belgas, da mesma forma que hoje se sabe que Patrice Lumumba foi sequestrado, torturado e morto também por ação belga. Iniciaram-se, assim, os movimentos revolucionários armados nas diversas colônias.

Enquanto isto, na América Latina, um por um dos países – em especial do cone sul – sofrem golpes militares numa macabra sinfonia. Brasil, Bolívia, Argentina, Uruguai e... finalmente, um dos mais cruéis, o democrático e socialista Chile, de Salvador Allende, onde muitos brasileiros e outros latino-americanos já estavam exilados. Retornando à descrição testemunhal: acompanhávamos a luta dos líderes africanos que não eram, portanto, desconhecidos por nós, embora muitas vezes (!) descritos como perigosos terroristas.

Como costuma ocorrer na imprevisível história dos homens, houve um feliz e histórico encontro. O filósofo português Agostinho Silva se exilou no Brasil no final dos anos 1950, fugindo da ditadura salazarista. Agostinho Silva guardava, como muitos portugueses progressistas, o sonho de uma Comunidade de Países Lusófonos. Coincidiu encontrar outro sonhador: José Aparecido de Oliveira, jornalista e político, caracterizado por seu amplo círculo de amizades e admiração e que veio a ser secretário do presidente Janio Quadros. Ambos – Agostinho Silva e José Aparecido – partilhavam o mesmo sonho, a criação de uma comunidade lusófona, e foram acolhidos por Janio para contribuir para o que ficou conhecido como Política Externa Independente. O governo de Janio, como já dissemos, não durou nove meses, dada a sua inesperada renúncia, mas deu como fruto que continuasse em pauta o projeto da comunidade lusófona. Entra na história outro genial visionário: Darcy Ribeiro, que recebeu a ideia de José Aparecido como “uma lança cravada na lua”, bela imagem própria do antropólogo socialista que era Darcy, o qual vivera muito tempo com nossos indígenas. Entretanto, mais uma vez o sonho foi interrompido pela ditadura obscurantista que se instalou em 31 de março de 1964, cassando os direitos políticos de José Aparecido e Darcy Ribeiro, levando-os ao exílio. Com isto, nossas relações com a África Negra voltaram aos velhos tempos de convivência com o salazarismo.

Como os sonhos são imortais, moram numa região imaterial não sujeita às violências dos poderosos, o projeto de Agostinho Silva, José Aparecido e Darcy Ribeiro reapareceu 20 anos depois! José Aparecido ainda pôde realizá-lo com a participação dos presidentes dos países recém-libertados (Aristides Pe-

reira por Cabo Verde, Bernardo Vieira pela Guiné-Bissau, Joaquim Chissano por Moçambique, Manoel Pinto da Costa por São Tomé e Príncipe, faltando apenas Eduardo Santos, de Angola, que, devido à guerra civil, enviou um representante), assim como daqueles, como Brasil e Portugal, também livres de anos de ditadura e obscurantismo: José Sarney e Mario Soares. Foi então criado o Instituto Internacional da Língua Portuguesa – daí resultando a institucionalização da CPLP (Comunidade de Países de Língua Portuguesa), no dia 3 de novembro de 1989, em São Luiz do Maranhão (Brasil). Um fato extraordinário, numa noite linda com um céu estrelado, segundo a descrição de um jovem amigo que presenciou a parte social do encontro, ainda criança, devido a ser filho de um dos participantes.

2. Vinte anos depois – a véspera

O estreitamento das relações com a África Negra, em particular com os países africanos da CPLP, não foi um processo linear ou súbito e sequer correspondeu ao fim das ditaduras – a salazarista portuguesa e a militar brasileira. A rigor, é um processo que *ainda* está em andamento. A sociedade brasileira reluta fortemente em reconhecer seu passado escravagista, ao mesmo tempo em que este se entrelaça com a absurda desigualdade que marca o Brasil. Assim, negros e pobres se confundem, juntamente com indígenas, emigrantes empobrecidos e, recentemente, com refugiados de alguns países latino-americanos. Penso que este fator – racismo estrutural (Almeida, 2019), como atualmente se estuda – desempenha um importante papel na resistência a um intercâmbio mais intenso.

No caso do Encontro de Maputo (2011), a resistência se mostrava mais forte por se tratar de uma iniciativa inaugural. Estabelecia-se uma atividade permanente de intercâmbio científico-cultural da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ) com a CPLP. Este momento, que se mostrou decisivo, só foi possível por uma conjunção de circunstâncias. O presidente da SBPRJ, Pedro Gomes, conhecido psiquiatra e psicanalista, estava fortemente engajado neste projeto e esteve em Maputo para um Congresso da ASMELP (Associação de Saúde Mental de Língua Portuguesa), em 2010, então dirigida pelo Prof. Antonio Palha, onde encontrou o Prof. Boia Efraime, que o impressionou pela clareza de exposição e pelo conhecimento psicanalítico. Daí, surgiu o convite para Boia Efraime vir ao Rio de Janeiro, realizar palestras dentro das comemorações do Dia da Consciência Negra (20 de novembro, data da morte

de Zumbi dos Palmares, grande líder do principal quilombo dos africanos escravizados no Brasil, que perdurou por mais de cem anos).

A vinda de Boia Efraime foi um sucesso, apresentando não somente sua experiência com a ressocialização das crianças soldados (Efraime Jr. & Errante, 2010), mas sua descrição da vida sob o domínio português e as dificuldades da construção de um país independente com sua própria cultura e história. Entretanto, apesar do êxito científico da visita de Boia que, sem dúvida, reforçou muito o projeto de intercâmbio, boa parte do ambiente psicanalítico ainda não via a importância desta proposta. Mesmo na SBPRJ, que sempre se caracterizou por uma atitude vanguardista em relação ao modelo extremamente conservador do movimento psicanalítico. Isto se explica por vários fatores, que não teremos o espaço necessário para esclarecer, mas adianto alguns.

A psicanálise, desde o pós-guerra, se retraiu de suas origens revolucionárias – no sentido de libertárias, em relação à sexualidade, à igualdade de direitos das mulheres, à luta pela paz, ao alcance de levar suas descobertas a todas as camadas sociais, dentre outras – e sofreu todas as vicissitudes da Guerra Fria. Por outro lado, um amplo movimento de modernização e democratização de nossas associações se desenvolvia. Foi necessário um longo período de isolamento. Quando, nos anos 1990, se conseguiu eleições diretas e universais para a direção da Associação Internacional de Psicanálise (API ou IPA), foi eleito pela primeira vez um presidente fora do hemisfério norte – Horacio Etchegoyen, argentino. Foi um marco, passando então a haver um rodízio de regiões: Europa, América do Norte, América do Sul, que representam seus polos de concentração da IPA. Rodízio de presidências e de Congressos, além de uma democrática e ampla representação dos diversos *continentes psicanalíticos*. Penso que nada impede que, num futuro breve, um Congresso Internacional seja realizado em Beijing ou Xangai e, mais adiante, na África. Esta é a nossa perspectiva. Mas... voltemos a 2011.

No processo de arregimentação de colegas para a ida ao Encontro, lançamos mão também dos atrativos de uma viagem à África. Para muitos, um continente desconhecido, que exercia atração, curiosidade e... medo. Contamos com a contribuição de um agente de viagem que fez um amplo e atraente pacote – começando por um safari na África do Sul, para alguns, com ida à Cidade do Cabo, para outros – e, finalmente, a chegada a Maputo. Dos 28 psicanalistas que arregimentamos, somente dois conheciam a África e um artista da delegação, mesmo assim, Cabo Verde, não a continental. Portanto, a véspera foi marcada por medo, curiosidade, espírito de aventura e por isto mesmo nossa equipe foi apelidada de... A CARAVANA.

3. A caravana

Antes de explorarmos este romântico apelido, cabe uma nota esclarecedora do momento político que o Brasil vivia e que muito explica o êxito de nosso empreendimento. Estávamos no governo Lula, e nosso Ministro das Relações Exteriores era Celso Amorim, um experiente e respeitado diplomata. Além disso, um grande amigo e velho admirador da luta africana pela independência e desenvolvimento. Ministro durante os dois governos de Lula, antes fora também do governo progressista de Itamar Franco, criou vários centros culturais na África – Casa Brasil-Cabo Verde, Casa Brasil-Angola e a Casa Brasil-Moçambique –, que se tornaram permanentes centros de intercâmbio entre nossas culturas.

Neste Encontro de Maputo, o Ministério das Relações Exteriores financiou as passagens de quatro profissionais da cultura – Caíque Botkay (músico e produtor cultural), João Roberto Ripper (renomado fotógrafo), Lena Bergstein (artista plástica com uma reconhecida obra) e Viviane Frankenthal (psicanalista e editora da revista **TRIEB**) – para trabalhar e registrar nosso Encontro. Desta forma, tivemos a possibilidade de realizar, paralela e conjuntamente, com o Encontro: um mini festival de cinema, uma exposição de quadros e palestra, debates sobre filmes (brasileiros e moçambicanos), a divulgação do número da **TRIEB** que registrou a origem do projeto e que contém textos de *todos* os países da CPLP, além de um dvd com entrevistas e uma manifestação artística de artistas de nossa comunidade na campanha contra a AIDS. Importante registrar que todos os gastos de nossa delegação foram pagos pelos próprios participantes.

Por que a CARAVANA? O apelido surgiu em nossas amplas reuniões com todos os interessados – alguns levaram adiante o convite; outros, pelos mais diversos motivos, desistiram, mas não deixaram de nos apoiar. Certamente, o caráter aventureiro de uma viagem à África estava presente. Passados 10 anos, contudo, tenho outras conjecturas que não excluem a aventura. África, quanto mais o longínquo Moçambique, desperta em nós, brasileiros, *vastas emoções e pensamentos imperfeitos*, como Freud, num determinado momento, definiu o que ocorre nos sonhos. Não vou me deter como gostaria neste ponto, mas lembrar o comentário de um colega – José Dain – que conosco participou de um Congresso em Cabo Verde: “ninguém volta da África o mesmo”. Portanto, não estou falando somente de nosso passado escravagista, do medo do desconhecido, da *mitologia* que nos atrai e afasta da aventura africana, mas dos temores que a experiência emocional de entrar em contato com o novo e ao

mesmo tempo familiar – lembremos de Freud, em *O inquietante* (1919/2010) – pode acarretar: uma profunda transformação pessoal. Não se trata de mais uma viagem de turismo, mas de uma possibilidade de ver o mundo de outra forma.

Além da Comissão Cultural e dos 24 psicanalistas brasileiros, outros profissionais foram engajados no intercâmbio, como Karlos Mesquita, Prof. Titular de Ortopedia da UERJ (primeira universidade brasileira a adotar o sistema de cotas para afrodescendentes). A maioria dos psicanalistas era da SBPRJ, mas estiveram presentes também: o então Presidente da Federação Brasileira de Psicanálise (FEBRAPSI), Leonardo Francischelli; o Secretário Geral da IPA, Gunther Perdigão (brasileiro, radicado há mais de 30 anos nos EEUU); Ana Jaques, psicanalista que trabalhou no Timor-Leste; Katia Paim, psicanalista radicada em Maputo; Carla Penna, psicanalista e importante pesquisadora sobre grupos; sendo da SBPRJ: Anna-Maria Bittencourt, Bernard Miodownik (então Presidente da SBPRJ), Celmy Quilelli Correa, Cristina Amendoeira, Eliane Pessoa, Eloá Bittencourt, Fernanda Marinho, Jane Kezem, José Hamilton de Farias, Lucia Palazzo, Marguerite Labrunie, Marci Doria Passos, Maria Teresa Lopes, Maria Teresa Rocha, Miguel Sayad, Ney Marinho, Pedro Gomes, Viviane Frankhental, Tania Bastos. Mais duas médicas faziam parte ainda da delegação: Maria Fernanda Gomes e Clarice Miodownik, além de um advogado, Bruno Carvalho e sua esposa Juliana.

4. O encontro

A recepção que recebemos foi inesquecível, pois, no belo cenário de um antigo forte, a exibição de jovens dançando a guerra e o amor, maravilhou o público. Se, para alguns, os safáris da África do Sul e as belezas do contato com o continente africano já se mostraram fascinantes, a descoberta de tradições que nos foram ocultadas pela falta de intercâmbio com nossas origens foi impactante.

As falas de boas-vindas não foram meramente formais, mas evocaram em alguns de nós a mitológica figura de Patrice Lumumba, o grande líder africano de nossa juventude. Finalmente, estávamos no continente africano para realizar um encontro há anos sonhado... sem data de realização. Este clima de reencontro dominou os dias de trabalho. Lidia Gouveia – anfitriã de inesgotável delicadeza e hospitalidade –, Ana Maria Morais, Boia Efraime e novos amigos moçambicanos, como Romulo Muthemba, permitiram que pudéssemos trabalhar questões comuns às nossas culturas, como a pedofilia, o ataque à mulher, a luta contra o preconceito em relação à loucura ou à AIDS, o papel das artes

– cinema e teatro em particular –, que despertaram um mútuo interesse e se desdobraram em novos projetos.

Todas as atividades tinham em comum o fato de serem mesas multidisciplinares, com a participação de pensadores moçambicanos e dos visitantes, sempre com a contribuição do ponto de vista psicanalítico. Assim, tivemos mesas sobre:

- Arte/Cultura/Loucura, em que brilhou a inteligência de Paulina Chiziane;
- Paz/Guerra/Crueldade, em que uma colega – Ana Jaques – pôde trazer seu depoimento da crueldade da guerra no Timor-Leste;
- AIDS (SIDA);
- PSICANÁLISE E PSICOTERAPIA.

Tivemos cursos: Breve estudo de Psicanálise – Freud, Klein, Bion; Tendência antissocial e violência; Nascimento da vida psíquica.

O grande e variado número de profissionais – psicanalistas, psiquiatras, psicólogos clínicos e sociais, terapeutas ocupacionais, escritores, artistas plásticos, advogados, cineastas e fotógrafos – permitiu que realizássemos de fato um encontro multiprofissional, cultural-científico, em torno de nossas comuns preocupações, vistas de diferentes vértices. O abuso a crianças e mulheres, a exploração do trabalho (resquíio de nosso passado escravagista), o papel da arte no esclarecimento e libertação foram temas vastamente explorados.

O mini festival de cinema brasileiro e moçambicano, que ocorreu paralelo ao Encontro, permitiu a criação de vínculos que vieram a contribuir num projeto, que já se realizava no Brasil: a Mostra Cinematográfica *África Hoje* (org. Mariana Marinho, através de Donarosafilmes) que, em suas três edições, chegou a exibir mais de 60 filmes africanos, com grande sucesso de crítica. Houve debates sobre filmes de Isabel Noronha (MZ), comentados pelas psicanalistas Marci Doria Passos e Tania Rauen Bastos, e do filme brasileiro *Dia Útil*, de Marco Abujamra, que foi apresentado e comentado pelo Diretor de Fotografia do filme, João Roberto Ripper, e o advogado Bruno Carvalho, que discutiram – sob diferentes vértices (ética, estética e direito) – o resquíio, na sociedade brasileira, de práticas escravagistas ilegais, sobre as quais o filme foi construído, enfrentando muitas dificuldades.

A criatividade dos colegas moçambicanos em desenvolver técnicas de combate ao abuso infantil chamou a nossa atenção e nos serviu de estímulo. Pensamos num intercâmbio com projetos já existentes no Brasil que usam o rádio – Projeto *Escutar e Pensar*, criação de Sonia Eva Tucherman – com grande penetração, principalmente nas camadas populares.

Houve também uma tarde para discussão de casos clínicos, com apresentação por colegas moçambicanos e comentários de brasileiros. Chamou a nossa atenção a frequente presença no material da ida a Médicos Tradicionais. Estes demonstram maior capacidade para ouvir os pacientes que os médicos ocidentais, que assumem uma atitude distante e pseudocientífica (Sardan, 2011). Adiante, comentaremos nossa experiência com os médicos tradicionais, no norte de Moçambique.

A participação, frequência e atenção da plateia, aliadas à hospitalidade e ao carinho com que fomos recebidos, em particular, pela equipe do MISAU, liderada pela Lídia Gouveia, garantiram um clima de muito entusiasmo e vontade de voltar.

Mas, é momento de falar do pós-Encontro.

5. Nampula e Ilha de Moçambique

Muitos voltaram para suas cidades, outros articularam retornos (como Eloá Bittencourt e Maria Teresa Lopes, que voltaram para dar cursos sobre temas psicanalíticos) e nós – Fernanda Marinho e eu – fomos levar nossa pesquisa para o norte de Moçambique. Agradecemos muito esta possibilidade que Lídia Gouveia nos proporcionou, com sua ampla visão da importância de nossa proposta e sua carinhosa hospitalidade.

Fomos a Nampula, conhecer o hospital psiquiátrico, a Universidade Lúrio, entrevistar Médicos Tradicionais da AMETRAMO e, finalmente, descansar na paradisíaca Ilha de Moçambique.

Em Nampula, chamou a nossa atenção a forte influência goesa e islâmica que conhecíamos por literatura – como nos livros de Mia Couto –, mas tivemos oportunidade de vivê-la. A Universidade nos impactou pelo pioneirismo e entusiasmo de seu Reitor. Certamente seus sonhos se realizarão.

Quanto ao hospital psiquiátrico, não observamos diferenças dos tradicionais brasileiros. Neste terreno, penso que temos um amplo campo de intercâmbio, pois, no Brasil, foi uma longa luta transformar o clássico hospital psiquiátrico num agente terapêutico, ou, como dizíamos, uma Comunidade Terapêutica, além de evitar as internações, através de um extenso programa ambulatorial. Temos um promissor campo de trabalho em comum.

A longa entrevista que tivemos com a direção da AMETRAMO (Associação de Médicos Tradicionais de Moçambique) despertou o desejo de desenvolver novos diálogos, talvez, no Brasil. A experiência moçambicana de

trabalho em conjunto da medicina ocidental e a tradicional é extremamente criativa e rica. É uma forma também de afastar, na medida do possível, o charlatanismo. Observamos a seriedade com que acolhem ou orientam para a medicina ocidental os pacientes que recebem. Observamos também que muitos médicos tradicionais optaram por esta atividade após terem sido beneficiados pelos tratamentos. Isto nos fez lembrar de situação análoga entre psicanalistas, uma vez que a análise pessoal é condição básica para a formação psicanalítica. Outro ponto de contato foi a maneira de lidar com os sonhos. O presidente da Associação nos informou que, segundo seu critério para aceitar um paciente ou indicar o tratamento ocidental, estava a possibilidade de sonhar com o paciente. Caso isto não ocorresse, julgava não se tratar de uma enfermidade espiritual. Em outro momento do Encontro, Paulina Chiziane tem uma frase que merece reflexão: “Ser curandeiro não é uma escolha; o curandeiro é um escolhido”.

Finalmente, o merecido descanso: a Ilha de Moçambique! A cor, temperatura e transparência do mar é um privilégio! Arrogamo-nos certa autoridade para fazer essa afirmação, dada a extensa e variada costa brasileira, marcada por famosas praias. Além do mais, a Ilha nos traz recordações das viagens da descoberta, tanto pela casa de Camões quanto a de Vasco da Gama. O clima ameno e o trato cordial do povo da terra mais uma vez nos cativou. Dizem que há outros espaços como este em Moçambique. Sendo assim, uma fonte notável de turismo está aberta à espera de projetos. Acrescentaria, além da lagosta e camarão, o limão mais próprio para uma caipirinha que conheço. Portanto, merece uma reflexão sobre o tão grande distanciamento que separa povos tão próximos, pela história, pelos sofrimentos, pela esperança e uma sempre presente promessa de um futuro.

7. Dez anos depois...

O convite para escrever este artigo me pegou de surpresa. Afinal, dez anos são passados da organização de nossa Caravana. Num segundo momento, a surpresa se transformou em alegria por poder recordar uma iniciativa tão importante em nossas vidas. Por outro lado, como devem saber, nosso país não é o mesmo: não temos Lula na presidência, nem um Celso Amorim no Ministério das Relações Exteriores, ou um Gilberto Gil – negro, poeta e um de nossos maiores cancioneiros – no Ministério da Cultura, que por sinal foi extinto! A cultura é vista com maus olhos e, quanto mais, nossa herança africana. O Brasil, seguindo

várias outras potências (EUA, Itália, Reino Unido, dentre outros), tenta seguir um programa neoliberal, com fortes traços fascistas, que, felizmente, dado o seu anacronismo e uma teimosa resistência, assim como suas notórias contradições, tem seus dias contados. Esta é a nossa esperança.

O afastamento de nossas culturas, como procuramos mostrar no início deste artigo, é uma atitude deliberada que visa negar o racismo estrutural de nossa sociedade, que se confunde com o estado permanente de uma absurda desigualdade, mantida de uma forma direta ou indireta através da força. Assim, não separamos a luta contra o racismo da luta contra a desigualdade e o belicismo. Por belicismo, entendemos todas as ações repressivas que ocorrem nas comunidades pobres/negras de nossas metrópoles, no campo (conflitos entre grileiros e desmatadores), e a velha ideologia de que a questão social é “um caso de polícia”.

Entretanto, nossa Caravana não foi em vão. Hoje, podemos dizer com orgulho que somos a primeira sociedade psicanalítica a abrir bolsas para afrodescendentes, indígenas e refugiados para realizarem suas formações psicanalíticas gratuitas ou em condições compatíveis com sua condição financeira. Não por acaso, nossa atual Presidente, Lucia Palazzo, fez parte da Caravana, e, ao anunciar o projeto das bolsas, mencionou a Caravana como uma de suas origens.

Resta uma reflexão, afinal: o que os aventureiros buscam e trazem? Especiarias, ouro, prata, até os indígenas brasileiros (lembremo-nos de que Montaigne, ao vê-los, escreveu o maravilhoso ensaio *Os canibais*, desmistificando o primitivismo). Buscam dinheiro... é possível, mas a aventura tem algo próprio, dá um sentido à vida que nada mais oferece. Lembremo-nos da paixão, do desejo de conhecer, descobrir, encontrar/reencontrar... Não vejo resposta para essa questão, mas considero que a Caravana cumpriu sua missão aventureira, com êxito.

Esperamos retornar.

Referências

- Almeida, S. (2019). *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen.
- Boia Jr., E. & Errante, A. (2010). Reconstruindo a esperança na ilha Josina Machel: em direção a um modelo de Intervenção psicoterapêutica culturalmente mediado. *TRIEB*, IX(1-2): 203-232.

Ney Marinho

Freud, S. (2010). O inquietante. In S. Freud, *História de uma neurose infantil* (“O homem dos lobos”), *Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)* (Obras completas, P. C. Souza, trad., v. 14, pp. 328-376). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1919).

Sardan, J.-P. (2011). Raízes do caos da saúde pública na África. Dossiê 05, *Le Monde Diplomatique Brasil*.

Ney Marinho

neymarinho@lwmail.com.br